CNRM-FALINTIL

= Comunicado =

No dia 9 de Dezembro de 1991, pelas 9 horas, teve lugar nas instalações de "Gedung Hatahari Terbit", uma reunião das forças da ABRI, com a presença do Panglima, brigadeiro Worrow, do Dansem, dos Dandim de todos os Concelhos assim como de todos os Comandantes de Batalhão, instalados no território.

Participaram representações de todas as forças estacionadas na Capital (Bat. 303, 433, 744, Brimob, Marinir, Angkatan Udara, da Polícia Militar, dos Teritras do Korem e do Kodim e da Polícia), em número superior a 3.500.

O Panglima começou por elogiar a actuação das forças no dia 12/Nov, prosseguindo a sua alocução com insistentes incitamentos às tropas para actuações semelhantes no futuro. Chamou para si toda a responsabilidade naquela e em possíveis outras situações: "Eu assumo total responsabilidade do q aconteceu e do que vier a acontecer. Nada deveis recear porque apenas cumpristes ordens".

"O caso do dia 12 já passou e já está esquecido; preparemo-nos agora para outras manifestações e actuaremos com dureza".

"Os GPK não estão só no mato, estão também em Dili e em todas as Vilas. Haveremos de procurá-los a todos e eliminá-los-emos".

"A ABRI cumpriu o seu dever de defender o Estado Indonésio e não permitiremos mais manifestações como do dia 12. Se houver mais manifestações, nós os militares teremos que provar do que somos capazes".

"Os GPK pensavam que uns poucos "wartawan" os podiam ajudar. Vós actuastes muito bem e, no futuro, actuaremos muito melhor".

"A situação já regressou à normalidade mas nós, os militares, temos que estar muito unidos agora, para não permitirmos que uns tantos bandidos continuem a ameaçar a segurança do Estado Indonésio. Tim-Tim já foi integrado,

é parte da Indonésia e ninguém mudará isto. Nem Deus arrasará a bandeira "merah putih" do Tim-Tim. Estamos aqui a verter sangue e ninguém nos expulsará daqui."

"Somos valentes e já provámos. Tereis coragem para outras situações?", ao que todos gritaram: "berani, berani!"

Estas foram as passagens mais importantes do discurso do Pangima, durante o qual, de cada passo, incitava as suas tropas a actuarem melhor ainda que no dia 12 de Novembro. Recomendando para usarem, acertou que era esse o dever da ABRI: "vamos continuar a matar, vamos limpar os GPK" e era estrondosamente aplaudido pelas suas forças.

Após ele ter falado, foram permitidas várias intervenções das quais se destacam as seguintes:

- Um soldado do bat. 303 narrou como ele matou muitos "GPK". Lamentou que o batalhão estivesse fraccionado em dispositivos fora do centro da cidade, o que não permitira um rápido accionamento, caso contrário teria sido uma «limpeza geral». A corar os demorados aplausos, o Pangima ofereceu ao soldado o seu próprio relógio.

- Um natural, de nome Domingos (provàvelmente natural de Ermera), do Bat. de Marinir, falou declarando que "estava muito Triste, porque a ABRI matou população indefesa". Continuou dizendo: "como militar indonésio que sou, eu penso que a ABRI não deve actuar assim contra a população desarmada. Eu sinto tristeza e, ao mesmo tempo, vergonha não só porque a ABRI actuou de uma forma cruel como ainda actuações assim envergonham a nação indonésia".

Enquanto os «tentoras» indonésios reagiam com ameaças, o Pangima e os seus oficiais olhavam reprovadores.

- Um civil indonésio (que mais provàvelmente deveria ser algum 'wanggalla' / agente da intel / vende-

dor ambulante), traduzindo o pensamento da população civil indonésia cá instalada, ripostou imediatamente afirmando que o que acabava de ser ouvido era um insulto à ABRI. Lembrou que "o governo central já gastou muito no Tim-Tim, considerada pelo presidente Soeharto como a província mais estimada de toda a Indonésia". "Todo aquele que ainda anda a pensar em muita coisa, não quer reconhecer o esforço do Estado indonésio e deve ser morto. Se os timorenses teimarem em fazer mais manifestações, mataremos a todos. Há que parar com estas acções de instabilidade que dificultam o "pembagunan" no "Tim-Tim". A ABRI deve continuar a cumprir o seu dever de limpar todos os GPK, a fim de se conseguir ràpidamente o "Kamanan".

A este, o Douglins fez também entrega de um prémio em dinheiro.

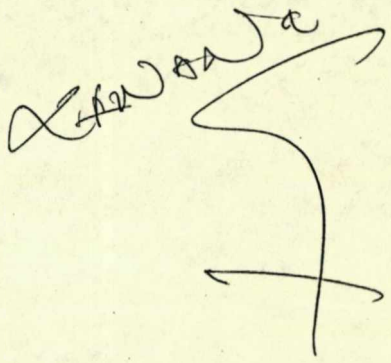
Uma sargento da polícia (uma jovanesa) reafirmou total apoio da Polícia aos militares: "apanhem os GPK e tragam para nós e trataremos deles". O polícia Alex, um timorense, que andou, com outros, a esfaquear os feridos no Cemitério de Sta. Cruz, desejoso de contar as suas façanhas, ficou desiludido por não poder reclamar um prémio.

Foi um verdadeiro ritual da ABRI que entusiasmou sobremaneira os timorenses indonésios. No fundo, conseguiu-se psicologicamente "arrumar o TNI".

Na mesma reunião, foi dito que, se no dia 28 de Novembro (data de chegada do "team" indonésio, e/data a coincidir com a "proclamação unilateral"), tivesse havido manifestação, o "hasil" Aéria sido bem melhor que o do dia 12, já que 15 carros de assalto estavam a postos para qualquer situação de emergência. E realmente, segundo os jefes, houve um movimento anormal das forças e dos agentes da intel. A mesma demonstração de força verificou-se desde o dia 5 a 8 de Dezembro, como prevenção para eventual manifestação no dia 7 / Dezembro.

No dia 8 de Dezembro, haveria uma missa dedicada às mães, segundo foram informados. Ainda eram 4 horas da madrugada já a catedral, es-

sive como as Igrejas paroquiais, estavam cercadas de tropas. O Bispo, ao tomar conhecimento da situação, mandou avisar a população p/ regressar à casa, enquanto os assassinos ameaçavam: "porque não esperais pelo Bispo? Porque não aproveitais para outra manifestação?".



Dez/15/91.